

NICK HORNBY

Febre de bola

Tradução
Christian Schwartz



Copyright © 1992 by Nick Hornby
Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Fever Pitch

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Mariana Zanini
Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hornby, Nick
Febre de bola / Nick Hornby ; tradução Christian Schwartz —
1ª ed. —São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Fever Pitch.
ISBN 978-85-359-2301-8

1. Escritores ingleses — Biografia 2. Futebol — Grã-Bretanha
3. Hornby, Nick, 1957- 1. Título.

13-06353

CDD-828

Índice para catálogo sistemático:
1. Torcedores de futebol : Memórias autobiográficas :
Literatura inglesa 828

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1968-1975

Estreia em casa

Arsenal x Stoke City
14/9/68

Eu me apaixonei pelo futebol como mais tarde me apaixonaria pelas mulheres: de repente, inexplicavelmente, sem aviso, sem pensar no sofrimento e nos transtornos que aquilo ia me trazer.

Em maio de 1968 (uma data com conotações próprias, claro, mas ainda é mais provável que me traga à mente o Jeff Astle do que Paris), logo depois do meu aniversário de onze anos, meu pai perguntou se eu queria ir com ele à final da Copa da Inglaterra entre West Brom e Everton; um colega dele tinha arranjado dois ingressos. Respondi que não estava interessado em futebol, nem mesmo sendo a final da Copa da Inglaterra — verdade, pelo menos na minha cabeça, mas fiz a maldade de assistir o jogo inteiro pela tevê. Algumas semanas mais tarde, vi encantado, com minha mãe, o jogo entre Manchester United e Benfica, e levantei cedo, no fim de agosto, pra escutar no rádio como o Manchester United se saía na final do Mundial Interclu-

bes. Adorava o Bob Charlton e o George Best (não sabia nada sobre o Denis Law, terceiro elemento daquela Santíssima Trindade, que tinha ficado de fora do jogo com o Benfica porque estava machucado), e com uma paixão que era totalmente surpreendente; durou três semanas, até que meu pai me levou ao Highbury pela primeira vez.

Meus pais já estavam separados em 1968. Meu pai tinha conhecido outra pessoa e saído de casa, e eu morava com minha mãe e minha irmã numa casinha com quintal, nos Home Counties. A situação em si não tinha nada de notável (embora eu não consiga me lembrar de ninguém mais da minha turma na escola que morasse com apenas um dos pais — os anos 60 ainda levariam outros sete ou oito anos pra percorrer os trinta e tantos quilômetros de Londres até nosso subúrbio pela rodovia M4), mas a separação tinha sido sofrida pra nós quatro, como sempre são as separações.

Houve, inevitavelmente, uma série de dificuldades nessa nova fase da vida em família, ainda que a mais crucial delas, naquele contexto, tenha sido provavelmente a mais banal: a questão das tardes de sábado no zoológico com apenas um dos pais, problema clichê, mas complicado. Era frequente que meu pai só pudesse nos visitar em dias de semana; ninguém queria ficar em casa vendo tevê, por razões óbvias; por outro lado, não havia, na verdade, nenhum outro lugar que servisse pra um homem levar duas crianças menores de doze anos. Em geral, entrávamos no carro e fámos a uma cidade vizinha, ou até um dos hotéis próximos ao aeroporto, onde éramos os primeiros clientes de um restaurante frio e deserto, no qual a Gill e eu comíamos bife ou frango mais ou menos em completo silêncio (crianças normalmente não são a melhor companhia pra conver-

sar num jantar e, também, estávamos acostumados a comer na frente da tevê), e meu pai ficava só nos observando. Devia estar desesperado pra encontrar alguma outra coisa que pudéssemos fazer juntos, mas as opções, entre as seis e meia da tarde e as nove da noite de uma segunda-feira, numa cidade-dormitório suburbana, eram limitadas.

Naquele verão, meu pai e eu nos hospedamos por uma semana num hotel perto de Oxford, onde à noite nos sentávamos num restaurante deserto, no qual eu comia meu bife ou meu frango mais ou menos em completo silêncio. Depois do jantar, íamos ver tevê com os outros hóspedes e meu pai bebia demais. As coisas precisavam mudar.

Meu pai fez uma nova tentativa com o futebol naquele mês de setembro e deve ter ficado maravilhado quando topei. Nunca antes eu tinha dito sim pra nenhuma das sugestões dele, embora também raramente dissesse não. Apenas sorri, educado, e emiti um som cuja intenção era expressar interesse, mas não compromisso, um trejeito irritante que acho que inventei especialmente pra ser usado naquela época da minha vida e, por alguma razão, mantendo até hoje. Fazia dois ou três anos que ele vinha tentando me levar ao teatro; toda vez que convidava, eu simplesmente dava de ombros e sorria um sorriso idiota, e o resultado era que, no fim, meu pai ficava irritado e me dizia pra esquecer a ideia, que era o que eu queria que ele dissesse. E não era um problema só com Shakespeare: eu agia igualmente desconfiado com jogos de rúgbi e críquete, passeios de barco e um bate e volta a Silverstone ou Longleat. Não queria fazer absolutamente nada. E não fazia isso com a intenção de punir meu pai por estar ausente: eu pensava, de verdade, que ficaria feliz indo a qualquer lugar com ele, com exceção de todos os que meu pai sugeria.

O ano de 1968 foi, acho, o mais traumático da minha vida. Depois da separação dos meus pais, mudamos pra uma casa menor, mas durante um tempo, por causa de alguma burocracia, ficamos sem teto e precisamos morar com vizinhos; fiquei seriamente doente, com icterícia; e comecei a frequentar a escola local. Eu precisaria ser muito incrédulo pra achar que a febre pelo Arsenal, que logo me possuiria, não teve nada a ver com todo esse caos. (E fico pensando quantos outros torcedores, se parassem pra pensar nas circunstâncias que os levaram a se tornar obsessivos, não encontrariam algum tipo de drama freudiano equivalente. Afinal, o futebol é um jogo sensacional e tal, mas o que diferencia aqueles que se contentam em ir a uma dúzia de partidas na temporada — ir aos grandes jogos, manter distância dos ruins, certamente uma decisão sensata — daqueles que são compelidos a ir a todas? Pra que viajar de Londres a Plymouth numa quarta-feira, desperdiçando um precioso dia de folga, pra assistir um jogo que já estava decidido na partida de ida, no Highbury? E, se essa teoria da torcida como terapia tem alguma procedência, *o que se passa no subconsciente desse pessoal que vai aos jogos do Troféu Leyland DAF?* Talvez seja melhor não saber.)

Tem um conto do escritor americano Andre Dubus intitulado “O pai de inverno”, sobre um cara cujo divórcio o afastou dos dois filhos. No inverno, a relação dele com as crianças é sem graça e forçada: passam da matinê no clube de jazz ao cinema ao restaurante, o tempo inteiro um olhando pra cara dos outros. Mas, no verão, quando podem ir à praia, pai e filhos se dão bem. “A extensão da praia era, pra eles, o gramado de casa; a esteira, a própria casa; o isopor e a garrafa térmica, a cozinha. Voltavam a viver como uma família.” As *sitcoms* e os filmes há muito tempo perceberam essa terrível tirania dos espaços, retratando homens entediados indo a parques com crianças irascíveis e um *frisbee*. Mas “O pai de inverno” significa muito pra mim porque ultra-

passa isso: consegue enfocar o que é valioso nas relações entre pais e filhos e explicar, de forma simples e precisa, *por que* aquelas idas ao zoológico estão fadadas ao fracasso.

Aqui neste país, até onde sei, Bridlington e Minehead não são capazes de proporcionar o mesmo tipo de sensação que as praias da Nova Inglaterra no conto de Dubus; mas meu pai e eu logo encontraríamos o equivalente perfeito em território inglês. As tardes de sábado no norte de Londres criavam um contexto no qual podíamos estar juntos. Podíamos conversar quando queríamos, o futebol nos dava assunto (e os silêncios não eram opressivos), os dias ganhavam uma estrutura, uma rotina. O campo do Arsenal seria nosso gramado de casa (e, uma vez que se tratava de um gramado inglês, ficaríamos a observá-lo, pesarosos, debaixo de chuva constante); o Gunner's Fish Bar, na Blackstock Road, nossa cozinha; e o Setor Oeste, nossa casa. Era um esquema maravilhoso que mudou nossas vidas quando isso era mais necessário, mas era também um esquema exclusivo: meu pai e minha irmã nunca encontraram uma casa pra eles. Talvez hoje em dia isso não acontecesse; talvez, nos anos 90, uma menina de nove anos se sinta tão no direito quanto a gente de ir a um jogo de futebol. Mas em 1969, na nossa cidadezinha, não era uma ideia muito em voga, e minha irmã era obrigada a ficar em casa com a mãe e as bonecas.

Não lembro muito do jogo em si, naquela primeira tarde. Um daqueles truques da memória me permite ver claramente o único gol marcado: o juiz anota um pênalti (corre pra área, aponta de forma dramática, ouvem-se gritos); silêncio enquanto o Terry Neill se prepara pra cobrança; e um lamento quando o Gordon Banks mergulha e defende; a bola volta certinho no pé do Neill e desta vez ele marca. Mas tenho certeza de que criei

essa sequência de imagens a partir do que ao longo de muito tempo registrei de incidentes similares e na verdade não tinha, então, consciência de nada disso. Tudo o que realmente vi naquele dia foi uma incompreensível série de eventos, ao final da qual todos à minha volta se levantaram e gritaram. Se fiz a mesma coisa, deve ter acontecido constrangedores dez segundos depois do resto do estádio.

Mas tenho, sim, outras lembranças mais confiáveis e, provavelmente, mais significativas. Eu me lembro da opressiva *macheza* por todo lado — charutos e cachimbos, linguagem chula (palavras que eu já tinha ouvido antes, mas não da boca de adultos, e não naquele volume), e foi somente anos mais tarde que me ocorreu que isso deve, necessariamente, ter tido consequências pra um menino que morava com a mãe e a irmã; e lembro que prestei mais atenção à torcida do que aos jogadores. De onde estava, eu provavelmente conseguiria contar umas 20 mil cabeças; só o torcedor (ou o Mick Jagger e o Nelson Mandela) pode fazer isso. Meu pai me falou que, naquele estádio, tinha quase o mesmo número de moradores da minha cidadezinha, o que me impressionou bastante.

(A gente esquece que as torcidas de futebol ainda são espanhosamente numerosas, sobretudo porque, desde a guerra, elas foram ficando cada vez menores. Os técnicos reclamam da apatia dos torcedores locais, particularmente quando seus times medíocres da primeira ou da segunda divisão conseguem evitar tomar uma lavada de algum adversário nas últimas rodadas; mas o fato de que, digamos, o Derby County tenha sido capaz de atrair um público médio de quase 17 mil pessoas na temporada 1990/91, o ano em que terminaram o campeonato na lanterna, é um milagre. Vamos dizer que 3 mil desses torcedores sejam do time visitante; significa que, dos 14 mil torcedores do Derby restantes, um bom número foi ao estádio pelo menos *dez* vezes

assistir o pior futebol jogado naquela temporada, senão em muitas temporadas. Falando sério: por que se esperaria que um só desses torcedores comparecesse a qualquer um dos jogos?)

Não foi o tamanho da multidão o que mais me impressionou, porém, ou os adultos se permitirem gritar a palavra “VIADO!” o mais alto que quisessem sem que ninguém se visse pra olhar. O que mais me impressionou foi simplesmente o quanto a maioria dos caras à minha volta *odiava*, mas *odiava* de verdade, estar ali. Até onde eu podia ver, ninguém parecia estar curtindo, no sentido em que eu entendia essa palavra, nada do que aconteceu a tarde inteira. Passados uns poucos minutos do apito inicial, já emergia um ódio verdadeiro (“Você é um MERDA, Gould. O cara é um MERDA!”; “Cem libras por semana? CEM LIBRAS POR SEMANA! Deviam pagar isso pra mim, por ser obrigado a te ver jogar”); à medida que o jogo avançava, o ódio virava indignação e, em seguida, se cristalizava num descontentamento silencioso e mal-humorado. Sei, sei, conheço as piadinhas todas. O que mais eu podia esperar estando no Highbury? Mas fui aos estádios do Chelsea, do Tottenham e do Rangers e vi a mesma coisa: que o estado natural do torcedor de futebol é o de penosa decepção, não importa qual seja o placar.

Acho que nós, torcedores do Arsenal, temos profunda consciência de que o futebol jogado no Highbury muitas vezes não é muito bonito de ver e que, portanto, nossa reputação de time mais chato da história do universo não é tão distorcida quanto fingimos ser; mas, quando o time é vitorioso, muito disso é perdido. O time do Arsenal que vi naquela primeira tarde era, há algum tempo, um espetacular fracasso. Na verdade, não ganhava nada desde a coroação da rainha, e esse histórico abjeto de derrotas era simplesmente como esfregar sal nas chagas dos torcedores. Muitos dos que estavam ali à nossa volta pareciam ser daqueles que tinham assistido todos os jogos de cada uma daquelas

temporadas enfadonhas. O fato de estar me intrometendo num casamento que tinha azedado desastrosamente deu àquela tarde uma excitação particular (se fosse um casamento de verdade, as crianças teriam sido barradas na entrada): um dos parceiros rondava, arrastando-se numa patética tentativa de agradar, enquanto o outro virava a cara pra parede, mal conseguindo olhar, de tão contrariado. Os torcedores que não lembravam os anos 30 (embora, naquele final dos anos 60, muitos lembressem), quando o clube ganhou cinco campeonatos nacionais e duas Copas da Inglaterra, ainda assim lembravam os Comptons e Joe Mercer, de apenas uma década antes; o estádio em si, com suas lindas arquibancadas em estilo *art déco* e seus bustos assinados por Jacob Epstein, parecia desaprovar o time atual tanto quanto meus vizinhos de torcida.

Eu já tinha ido a espetáculos públicos antes, claro; tinha ido ao cinema e a peças de Natal, e visto minha mãe cantar no coral do *White Horse Inn*, no Salão Municipal. Mas aquilo era diferente. As plateias das quais eu havia feito parte até então pagavam o ingresso pra se divertir e, embora aqui e ali se pudesse flagrar uma criança impaciente ou o bocejo de um adulto, nunca antes eu vira rostos como aqueles, contorcidos de ódio, desespero e frustração. O sofrimento como entretenimento era uma ideia completamente nova pra mim, e parecia ser alguma coisa pela qual eu estava esperando.

Talvez não seja exagero dizer que essa é uma ideia que moldou minha vida. Sempre fui acusado de levar a sério demais as coisas que amo — futebol, lógico, mas também livros e discos — e sinto, de fato, uma espécie de ódio quando ouço um disco ruim, ou quando alguém é indiferente a um livro que significa muito pra mim. Talvez tenham sido aqueles caras do Setor Oeste do Highbury, desesperados e amargurados, que me ensinaram a odiar desse jeito; e talvez seja por isso que parte da minha renda

venha da atividade de crítico — talvez o que eu ouça, quando escrevo, sejam aquelas vozes. “Você é um MERDA, X!” “O Booker Prize? O BOOKER PRIZE? Deviam era dar um prêmio pra mim, por ser obrigado a ler o que você escreve.”

Aquela única tarde desencadeou todo o resto — não houve flerte prolongado — e vejo, hoje, que a mesma coisa aconteceria se eu fosse a White Hart Lane ou Stamford Bridge, tão arrebatadora foi a experiência daquela primeira vez. Numa tentativa consciente e desesperada de impedir o inevitável, meu pai rapidamente me levou pra ver o Tottenham. O Jimmy Graves marcou quatro na vitória por 5 a 1 sobre o Sunderland, mas o estrago já estava feito, e os seis gols e todos aqueles grandes jogadores não me comoveram: eu já estava apaixonado pelo time que bateu o Stoke por um único gol, no rebote de um pênalti.

Um Jimmy Husband repetido

Arsenal x West Ham
26/10/68

Na minha terceira ida ao Highbury (um empate sem gols — a essa altura, eu tinha visto meu time marcar três vezes em quatro horas e meia), todas as crianças ganharam de brinde um álbum Astros do Futebol. Cada página do álbum era dedicada a um dos times da primeira divisão e continha catorze ou quinze espaços pras figurinhas autocolantes dos jogadores; também ganhamos um pacotinho de figurinhas pra dar início à coleção.

Essa não é a descrição normal de uma ação promocional, eu sei, mas o álbum acabou por se provar o último e crucial passo num processo de socialização que tinha começado no jogo com o Stoke. Na escola, os benefícios de se gostar de futebol eram simplesmente incalculáveis (ainda que o professor de educação física fosse um galês que, certa vez, fez a memorável tentativa de nos proibir de chutar qualquer bola redonda, mesmo em casa):

pelo menos metade da minha turma, e provavelmente um quarto dos professores e funcionários, adorava o jogo.

Não era surpresa que eu fosse o único torcedor do Arsenal no quinto ano. O QPR, time da primeira divisão mais próximo da vizinhança, tinha no elenco Rodney Marsh; o Chelsea contava com Peter Osgood; o Tottenham, com Greaves; o West Ham, com os três heróis da Copa, Hurst, Moore e Peters. O jogador mais conhecido do Arsenal era provavelmente o Ian Ure, famoso apenas por ser tão inútil que chegava a ser hilário e por suas contribuições à série de tevê *Quiz Ball*. Mas, naqueles primeiros meses de escola impregnados de futebol, não importava que eu estivesse sozinho. Na nossa cidade-dormitório, nenhum clube tinha o monopólio da torcida e, em todo caso, meu novo melhor amigo, torcedor do Derby County como o pai e o tio dele, também era um solitário. O principal era fazer parte daquele credo. Antes da escola, no recreio e no intervalo do almoço, jogávamos futebol nas quadras de tênis com uma bolinha de tênis e, entre uma aula e outra, trocávamos figurinhas dos Astros do Futebol — o Ian Ure pelo Geoff Hurst (incrivelmente as figurinhas dos dois tinham o mesmo valor), o Terry Venables pelo Ian St. John, o Tony Hately pelo Andy Lochhead.

E assim a passagem pro ensino médio foi se dando de maneira fácil. Eu era, provavelmente, o menor entre os meninos do quinto ano, mas meu tamanho não tinha importância, embora a amizade com o torcedor do Derby, o mais alto de nós por vários centímetros, viesse bem a calhar; e, ainda que meu desempenho na escola não fosse lá essas coisas (ao final do primeiro ano, entrei pra turma da nota B e ali permaneci ao longo de toda a minha trajetória escolar), não era difícil acompanhar. Até mesmo o fato de eu ser um dos apenas três meninos que ainda usavam short não chegou a ser tão traumático. Desde que o garoto soubesse o nome do técnico do Burnsley, ninguém

daria muita bola aovê-lo, aos onze anos, vestido como um moleque de seis.

Esse padrão se repetiu várias vezes desde então. Os primeiros amigos que fiz na faculdade, e com mais facilidade, eram fãs de futebol; ter a atenção concentrada na quarta capa de um jornal durante o intervalo de almoço do primeiro dia num novo emprego geralmente provoca algum tipo de aproximação. E, sim, tenho consciência da parte ruim dessa maravilhosa ferramenta que os homens têm à mão: eles se tornam reprimidos, fracassam nas suas relações com mulheres, são triviais e chatos quando conversam, descobrem-se incapazes de expressar suas carências emocionais, não conseguem se relacionar bem com os filhos e morrem sozinhos e infelizes. Mas e daí? Se o menino é capaz de ir pra uma escola aonde vai encontrar outros oitocentos garotos, mais velhos, na maioria, todos eles maiores, sem se sentir intimidado simplesmente porque tem um Jimmy Husband repetido no bolso do casaco, parece um bom negócio ser torcedor.